A Comunicação na "Extensão": pesquisa e registro de diálogos de saberes entre agricultores familiares e educandos de Agropecuária, através de mídias móveis[1]

Guaciara Barbosa de Freitas[2]
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – Campus Castanhal.

RESUMO

Em 92 anos de história, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – Campus Castanhal passou por várias mudanças. A mais recente, ocorreu em dezembro de 2008, com o decreto de criação dos instituto federais, através do qual, a então Escola Agrotécnica Federal de Castanhal tornou-se um campus do IFPA, mantendo-se como referência no ensino agrícola e como uma forte representação de oportunidade para as pessoas do interior do Pará. Este artigo apresenta as proposições de um projeto de pesquisa, desenvolvido no âmbito da instituição, com o objetivo de discutir os sentidos da designação "extensão rural" na formação e na práxis dos técnicos em Agropecuária. Dialogamos com as concepções freirianas sobre a ideia de extensão e propomos recursos da educomunicação para estimular o envolvimento de educandos, educadores e agricultores com o assunto.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Extensão Rural; Educomunicação; Ensino Agrícola.

Um contexto propício a reflexões e tensionamentos

Em abril de 2013, através de edital interno da Diretoria de Pesquisa, Inovação e Extensão do IFPA Campus Castanhal, submetemos uma proposta de pesquisa ao Núcleo de Ensino e Pesquisa de Agroecologia e Fortalecimento da Agricultura Familiar, intitulada *A comunicação na "extensão": diálogos de saberes registrados na produção de vídeos através de mídias móveis*. O projeto foi construído a partir do olhar de uma jornalista, para um conjunto de práticas político-pedagógicas, constituintes do processo de formação dos estudantes do curso técnico de Agropecuária, seja na modalidade de ensino médio integrado, seja na modalidade subsequente.

Ao apagar das luzes do ano de 2008, a instituição, que carregava consigo a tradição e a experiência do ensino agrícola em nível médio, viu-se diante dos desafios colocados pela promulgação do Decreto Lei Nº 11.892, de criação dos institutos federais, através do qual, a então Escola Agrotécnica Federal de Castanhal tranformou-se em um campus do

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Doutora em Ciências da Comunicação pelo PPGCOM da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Jornalista, assessora de Comunicação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – Campus Castanhal. E-mail: guaci.freitas@ifpa.edu.br.

Instituto Federal do Pará, tornando-se uma instituição de ensino destinada atuar com ensino, pesquisa e extensão, desde a educação básica até a pós-graduação.

Atualmente a instituição oferta cinco cursos técnicos: Agropecuária, Agroindústria, Florestas, Meio Ambiente e Redes de Computadores. A experiência acumulada com o ensino agrícola na educação profissional e tecnológica de nível médio serviu como base para a construção dos cursos de graduação, ofertados desde o início do ano de 2010: Agronomia e Tecnologia em Aquicultura. Simultaneamente se fortaleceu a Pós-Graduação, com as turmas de cursos de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação do Campo, voltadas aos educadores de zonas rurais, através do Programa Saberes da Terra. Já em 2012 iniciava-se o processo de seleção para o curso de Mestrado Profissional em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares, cujas aulas começaram em março de 2013. Isso sem falar no atendimento a diversas demandas através de programas do governo federal tais como: Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor), Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera) e Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec).

Asssim, no campus de 277 hectares, reúne-se uma grande diversidade de educandos oriundos de assentamentos rurais, de assentamentos e reservas agroextrativistas, de quilombos, de propriedades rurais de agricultura familiar e também de áreas urbanas. A maior parte dos 1.800 estudantes matriculados em 2013 encontra-se no curso de Técnico em Agropecuária, sendo assim distribuídos: 358 nas turmas da modalidade integrado, 81 nas turmas de Proeja (Programa de Educação de Jovens e Adultos) e 232 em turmas do ofertadas na modalidade subsequente.

Quando ingressamos no IFPA Campus Castanhal em fevereiro de 2010, para ocupar o cargo de jornalista da instituição, percebemos o quanto o ambiente organizacional refletia os efeitos da mudança no ente institucional, que era sentida, principalemnte entre a comunidade interna, como uma tranformação significativa ocorrida do dia para a noite. Aos poucos percebemos que ali, em meio ao turbilhão dos acontecimentos, a gestão investia na construção de projeto político-pedagógico alinhado às concepções de uma *educação libertadora* (Freire, 2011), por meio de práticas de valorização e reconhecimento dos saberes e experiências levadas pelos educandos ao ambiente escolar. Por outro lado, continuaram sendo viabilizadas as chamadas visitas técnicas, que constantemente levam os estudantes a viagens curtas ou mais longas (de uma semana a quinze dias), para conhecerem

desde propriedas rurais de diferentes tipos, até indústrias, que utilizam produtos agrícolas como matéria-prima.

Notamos que a profusão de viagens para visitas técnicas se configura quase como uma marca registrada do ensino na instituição. Toda semana há viagens marcada para uma ou mais turmas dos diversos cursos. À primeira vista isso nos pareceu um diferencial de qualidade em relação a outras instituições de ensino, que não proporcionam essa experiência de contato com realidades concretas, para além das cercanias da escola. No entanto, nosso olhar mais atento para tais experiências também provocou alguns questionamentos: é possível que as visitas técnicas estejam tão incorporadas ao cotidiano do ensino na instituição a ponto de serem vistas como algo naturalizado ou banalizado tanto para os educadores, quanto para os educandos? A esse respeito, verificamos, por exemplo, que não há um levantamento ou relatório mensal da Coordenação Geral de Ensino, para gerar dados qualitativos ou quantitativos a serem analisados. O mesmo acontece em relação aos professores e estudantes, que em geral, participam da visita, mas não geram reflexões sistematizadas a respeito das experiências.

Questionamos-nos ainda se essa oportunidade de aproximar os educandos de outras experiências, encontra-se vinculada a uma certa visão de formação do técnico em Agropecuária para atuar como extensionista rural e nos perguntamos, nesse caso, quais sentidos acerca do significado de *extensão rural* são refletidas nessa formação.

Reafirmamos que tais questionamentos emergem do ponto de vista de uma jornalista, a única entre dezenas de profissionais das Ciências Agrárias, que embora sejam, em sua maioria, atentos às questões educacionais, não costumam estreitar o diálogo com o campo da Comunicação. Desse modo, a proposição de um projeto de pesquisa que levanta problematizações sobre a questão da *extensão rural*, emerge em meio a um contexto no qual a questão é vista sem tensionamentos e sem necessidade de diálogo com a interface da Comunicação. No curso de Agronomia, por exemplo, é ofertada a disciplina Comunicação e Extensão Rural, mas ela é ministrada por agrônomos, engenheiros florestais, socíólogos, economistas etc, suprimindo-se qualquer interlocução com profissional do campo da Comunicação, talvez em virtude da tradição na abordagem da *extensão rural*, nome que designa a disciplina ofertada na matriz curricular do curso de Agropecuária.

Diante do contexto, pretendemos que nosso projeto de pesquisa favoreça a emergência de uma discussão acerca da questão da *extensão rural*, retirando-a da zona de conforto em que se encontra. O propósito desse movimento é contribuir para aproximar a

extensão rural das concepções que norteiam o projeto político-pedagógico em construção na instituição, pois em conversas informais e em questionários aplicados a grupos de estudantes de Agropecuária, percebemos que apesar do projeto pedagógico estar conceitualmente alinhado aos princípios da conscientização, da valorização de saberes e experiências empíricas dos sujeitos etc, ainda vigora entre muitos educandos, a noção conservadora, segundo a qual o técnico em agropecuária é o profissional que vai ao campo para ensinar o agricultor a fazer a coisa certa.

As observações que desencadearam a elaboração de nosso projeto, também nos levaram a vislumbrar a educomunicação como um caminho viável e fecundo para estreitar as relações entre aquilo que está no plano do curso de Agropecuária e o que é realizado cotidiano do processo de ensino-apredizagem dos jovens e adultos, que buscam uma formação técnica-profissional, que também se pretende humanista.

Assim, juntamente com a pesquisa, propusemos uma espécie de intervenção a ser realizada no decorrer de visitas técnicas realizadas na disciplina de extensão rural, de modo que as experiências de encontro entre os educandos e as comunidades rurais, seja registrado, num primeiro momento pelos estudantes, através de dispositivos de mídias móveis, para gerar a matéria-prima sobre a qual os educandos, educadores e agricultores irão refletir e produzir materiais audiovisuais, cujo conteúdo seja voltado tanto para a formação dos técnicos quanto para a assistência técnica aos agricultores.

Nosso principal objetivo ao apresentarmos tais questões no presente artigo é termos a oportunidade de debatê-lo em um fórum de especialistas capazes de contribuir para o êxito de seus propósitos.

Apresentando o projeto

No final dos anos de 1960, durante o período em que esteve exilado no Chile, o educador Paulo Freire realizou um trabalho de investigação e análise sobre a atuação do agrônomo no desenvolvimento da atividade identificada como extensão rural. Assim, em Extensão ou Comunicação? (1977), Paulo Freire levanta questões, que vão desde os significados linguísticos da palavra “extensão”, passando pela teoria do conhecimento, a fim de discutir os sentidos produzidos por essa palavra, quando empregada para definir a atuação profissional de assistência técnica junto às famílias de agricultores e agricultoras.

Na discussão proposta por Freire, os diversos significados da palavra *extensão* remetem à concepção de que o conhecimento, supostamente detido pelo profissional, pode ser simplesmente estendido ao agricultor, que necessitaria acessar tal conhecimento, como se fora uma extensão do outro. Efetivamente, o autor analisa o problema da comunicação entre o técnico e o camponês, no desenvolvimento de uma sociedade agrária, no caso, aquela que se estava sendo criada no Chile da década de 60.

A análise de Freire lembra-nos que, assim como a educação não é neutra, as palavras também não o são (FOUCAULT, 2000). Ao contrário, elas estão relacionadas a sistemas de poder ou a serviço da transformação do *status quo*. Nesse sentido, o conceito de *extensão*, engloba ações que transformam o camponês em "coisa", em mero receptor, sem centralidade como sujeito transformador de sua própria realidade. Desse modo, Paulo Freire assinala o equívoco na utilização do termo extensionista e defende o papel do agrônomo-educador, propondo que a aproximação entre o técnico e o camponês seja fundamentada num processo de comunicação que coloque o ser humano no centro da relação a ser construída e não o local onde ele se encontra ou a questão técnica a ser solucionada.

> De qualquer maneira, porém, só é possível a este falso educador "domesticar" na medida em que, em lugar do empenho crítico de desmitificação da realidade mitificada, a mitifique ainda mais.
> Para isso, contudo, é indispensável que, em lugar de comunicar e comunicar-se, faça *comunicados*. É necessário que em nenhum momento instaure uma relação realmente gnosiológica, visto que por meio desta, seria impossível a manipulação.
> Esta é a razão pela qual, para nós, a "educação como prática da liberdade" não é a transferência ou a transmissão do saber nem da cultura; não é a extensão dos conhecimentos técnicos; não é o ato de depositar informes ou fatos nos educandos; não é a "perpetuação dos valores de uma cultura dada"; não é o "esforço de adaptação do educando ao seu meio". (FREIRE, 1977, p.78).

Na realidade, Paulo Freire (2007) aproxima a visada sobre a atividade de assistência técnica do agrônomo da "compreensão ético-crítico-política da educação", que tem o diálogo como uma de suas bases para a conscientização, com o objetivo de formar cidadãos capazes de transformar a ordem social em um sistema mais justo.

Acreditamos que apesar do período, do contexto político, social e espacial que basearam as análises do educador no referido trabalho, guardarem especificidades, tal discussão não se tornou anacrônica, em vez disso, mostra-se atual e pertinente, sobretudo, quando lidamos com educandos oriundos do campo, que trazem consigo um conjunto de expectativas (suas próprias, de suas famílias e de suas comunidades) a cerca de um processo

de formação que venha se refletir diretamente na realidade concreta de suas pequenas propriedades familiares, de suas comunidades quilombolas, de seus assentamentos rurais etc.

Nesse caso, necessitamos reconhecer o contexto no qual estão inseridos esses jovens educandos, no sentido mais amplo de sua formação enquanto seres humanos, permeados por ambiências da tecnologia digital que constituem umas das marcas fundamentais da contemporaneidade, pois, ao contrário do que muitos ainda acreditam, essas ambiências e atravessamentos das chamadas novas tecnologias da comunicação estão fortemente presentes na realidade das periferias urbanas, das comunidades rurais, dos povos indígenas, das populações quilombolas, ribeirinhas etc, tendo em vista as consequências da globalização, observadas para além de suas consequências nefastas para os mais pobres ou, como diria Paulo Freire (2007), os oprimidos.

A relação da mídia com os mais pobres no mundo globalizado foi observada por Milton Santos (2008), que expressou sua avaliação de que nesse contexto social, econômico e político influenciado pelos paradigmas da globalização, os movimentos de ação das classes subalternizadas agem como o verdadeiro potencial transformador da realidade social. Ele localizou dentro da periferia, formas novas de solidariedade, inclusive com expressão econômica e política, contrariando a previsão de que a globalização conseguiria aniquilar o sentimento de solidariedade. Acreditamos que tal observação, acerca de uma realidade periférica, se estenda às comunidades identificadas como rurais, tendo em vista os hibridismos e permeações que relativizam os limites entre o que seja periférico, central, urbano e rural.

Nesse sentido existem múltiplos fenômenos e manifestações culturais e comunicacionais, para os quais a técnica representa uma "plataforma de libertação", conforme defende o livre-pensador (SANTOS, 2008), utilizando-se de um termo muito próximo da percepção freiriana de uma educação libertadora. Em entrevista ao cineasta Silvio Tendler (2006), Milton Santos declarou que ao mesmo tempo em que temos um "terceiromundismo" muito maior do que antes e apesar da globalização se converter em perversidade para a grande maioria da humanidade, vivemos "a grande novidade da nossa geração, que é a capacidade de conviver com o futuro possível".

Esse futuro possível estaria relacionado ao atravessamento das velhas tecnologias pelas novas, que trariam consigo confluências, simultaneidades, conexões diretas ou indiretas entre realidades diversas.

Reconhecer a tessitura e o funcionamento das redes de solidariedade organizacional, de redes interpessoais e redes institucionais implica retornar à ideia de lugar como o espaço, por onde revemos o mundo e ajustamos nossas interpretações.

Ao discutir sobre um outro mundo possível, apesar das operações planetárias do sistema global, Milton Santos (2008) demonstrou-se convencido de que as classes subalternas passavam a tomar os equipamentos popularizados pelo barateamento das tecnologias, para constituir uma plataforma tecnológica libertadora, útil a outros interesses que não mais, ou não exclusivamente, os da cultura dominante no sistema global.

> (...) O uso de câmeras digitais, rádios digitais, TVs digitais, internet, etc., contidos, às vezes, em um único equipamento, o celular, tornou-se comum entre as pessoas de menor poder aquisitivo.
> O domínio sobre esse conjunto de tecnologias e suas linguagens gerou uma espécie de perda da aura de "segredo do gigante" em torno do "saber fazer" da mídia. As filmagens amadoras proliferaram tanto, que a grande mídia rendeu-se a elas. Além de receber as imagens enviadas pelos "telespectadores", elevados à categoria de cinegrafistas amadores, alguns noticiários passaram a requisitar a essas pessoas a colaboração com essas filmagens, que muitas vezes são as únicas a registrar relatos de acontecimentos imprevistos e importantes.
> Desta maneira, também se apoderaram das tecnologias os interessados por música, que passaram a criar fenômenos populares com as gravações "caseiras" dos sem-gravadora e sem acesso às grandes rádios. Tais sintomas de transformação contrariam, como analisa Jesús Martin-Barbero, a tradição filosófica que historicamente se negou a pensar a técnica para além de sua dimensão instrumental, operativa, sem nenhuma verdade ou algo a se pensar. (FREITAS, 2011, pp.162,163).

Ao dialogarmos com esse conjunto de concepções teóricas e *praxis* que nos parecem convergir no sentido de uma educação libertadora e de uma ação comunicativo, defendemos a pertinência de uma proposta que intercambie e registre o diálogo entre futuros técnicos em agropecuária e famílias de agricultores (as) familiares, nos quais alguns momentos de interlocução sejam capturados e registrados ora pelos(as) estudantes, ora pelos(as) agricultores familiares (as). Nesse caso, as necessidades e demandas, apontadas por agricultores (as) e educandos (as) acerca de questões relacionadas à assistência técnica definiriam a pauta dos encontros, dos diálogos, das atuações práticas-profissionais dos técnicos e dos registros feitos através de equipamentos de mídias móveis, posteriormente editados e publicizados pelos envolvidos no projeto.

Justificativa do projeto

Diante da compreensão proposta por Paulo Freire, cujos fundamentos norteiam o projeto político-pedagógico do IFPA Campus Castanhal, vemos a relevância de inserir tais

discussões a cerca do papel do técnico *extensionista*, relacionando-as com os aspectos educomunicacionais da questão.

Se em outras instâncias a comunicação é colocada no eixo estruturante das organizações, em uma instituição pública de ensino, voltada principalmente para a formação dos jovens, a comunicação, enquanto área, não deve estar à parte dos processos de ensino-aprendizagem. Pensamos que, no caso do IFPA Campus Castanhal, o desenvolvimento de práticas educomunicativas seja capaz de favorecer a coesão entre técnicos e docentes, entre gestores e a comunidade e principalmente possa contribuir verdadeiramente com a formação cidadã, humana, integral e de excelência almejada na instituição.

O conceito de Educomunicação designa um campo de ação emergente na interface entre os campos da Educação e da Comunicação. Destacamos a afirmação sobre tratar-se de um campo de ação, para evidenciar que a Educomunicação se faz, principalmente, pelo desenvolvimento de suas práticas. Trata-se, portanto, de um campo de intervenção, que na América Latina está profundamente ligado às experiências dos movimentos sociais, voltados para a chamada "educação popular" e a para a "comunicação alternativa".

De acordo com Soares (2011), educomunicação é uma palavra cuja história remete aos anos de 1980, quando, referendada pela Unesco, referia-se a uma prática genericamente definida na Europa como *Media Education*, focalizada na recepção crítica dos meios de comunicação. Na América Latina, a *Educación para La Comunicación*, foi além das discussões sobre o impacto das mensagens sobre suas audiências e se voltou para a relação que os "receptores" estabeleciam com os meios de comunicação, ou seja, como as pessoas reagiam, se articulavam e ressignificavam os conteúdos midiáticos.

Do ponto de vista das políticas públicas voltadas para a área do ensino, as diretrizes da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1996, previam a introdução das tecnologias da comunicação no Ensino Médio, o que levanta a preocupação com a existência de um profissional especialista na interface comunicação/educação atuando no espaço do ensino formal (SOARES, 2011).

Contemporaneamente observamos no Brasil o barateamento dos equipamentos que viabilizam o desenvolvimento de processos comunicacionais midiáticos. Nos anos 2000 um conjunto de políticas públicas e as mudanças no contexto socioeconômico favoreceram o acesso das pessoas de classes populares às tecnologias da comunicação e isso representa algo que está muito além da posse material de um objeto como computador, telefone celular

equipado com câmera fotográfica, MP3, modem de acesso à internet etc. Tal "acessibilidade" tem se refletido efetivamente no domínio de técnicas e linguagens e dos "modos de fazer", antes restritos a especialistas da chamada "grande mídia".

Assim, as práticas de comunicação popular, apresentam-se de outra maneira nos tempos atuais, principalmente através dos movimentos sociais urbanos, dos chamados "novos movimentos sociais" e das ONGs, que delinearam o que identificamos como "movimentos sociocomunicacionais" (FREITAS, 2011), que não focalizam as práticas comunicativas como táticas de ação, com vistas a alcançar um objetivo pontual, mas que incorporam a comunicação, inclusive em sua dimensão midiática, às suas estruturas, como elementos estratégicos de sua constituição.

Essa realidade que tem sido capaz de romper fronteiras que isolavam socialmente, politicamente e midiaticamente determinados grupos sociais, ainda não está adequadamente incorporada aos espaços de ensino formal, o que acarreta dificuldades tanto aos aspectos educacionais, quanto ao desenvolvimento de "ecossistemas comunicativos" participativos, democráticos e criativos (SOARES, 2011).

Em síntese, muitas vezes ao ingressar no espaço de ensino, o estudante é forçado a deixar do lado de fora o conhecimento que detém sobre o uso das tecnologias e o domínio das linguagens que já pratica fora do ambiente escolar. Por outro lado, quando não é proibido de empregar tais conhecimentos no espaço da escola, o estudante muitas vezes é estimulado a desenvolver atividades de comunicação sem que o professor-orientador da referida atividade conheça suficientemente as teorias, ferramentas e linguagens do campo da comunicação.

Aqui, propomos o aproveitamento da convergência de fatores que favorecem o desenvolvimento de um projeto que pode se configurar como uma experiência-piloto de educomunicação no IFPA Campus Castanhal, em sintonia com a política transformadora e libertadora que norteia o projeto político pedagógico da instituição.

Nosso objetivo geral é realizar uma experiência de pesquisa, cujo desenvolvimento concilie discussões e práticas norteadas pelo reconhecimento do técnico "extensionista" como um educomunicador.

Dentre os objetivos específicos do projeto destacamos os seguintes: a) Contribuir com o desenvolvimento de uma consciência dos (as) educandos (as) do curso técnico em agropecuária, a cerca de seu papel enquanto educadores e comunicadores; b) Intensificar junto aos (as) educandos (as) o desenvolvimento de práticas de "assistência técnica"

baseadas no diálogo com os (as) agricultores (as), estimulando as competências comunicacionais que eles já possuem; c) Aproveitar a utilização dos recursos tecnológicos das mídias móveis, que fazem parte do cotidiano dos (as) educandos (as) no processo de ensino-aprendizagem; d) Iniciar a produção de um acervo audiovisual que ajude a sistematizar características culturais e demandas das famílias de agricultores (as).

Nossa abordagem metodológica fundamenta-se no princípio da construção coletiva e criativa do conhecimento refletidas na prática educomunicativa:

> A prática educomunicativa não corresponde a ações isoladas, mas a ações de natureza diversificada (no campo da gestão de processos comunicativos; da expressão estética; dos usos das tecnologias nos espaços educativos; da pedagogia da recepção, entre outras), articuladas com base em dada intencionalidade comunicativa (SOARES, 2011, p.36)

Assim inicialmente realizamos um movimento para fazer "brilhar os olhos", e levar as pessoas envolvidas no projeto a perceberem as possibilidades de desenvolverem ações educomunicativas.

A partir desse movimento inicial, partimos para a criação de um grupo de estudo e pesquisa, com a realização de encontros, nos quais serão debatidos textos a partir de questões levantadas pelos educandos-bolsistas e que serão debatidos com a participação de convidados: docentes, discentes, técnicos em agropecuária, agrônomos que atuam na assistência técnica e de agricultores de localizadas.

Acreditamos na importância de despertar esse interesse, para que as pessoas sintam o prazer necessário ao desenvolvimento das atividades, que vão contemplar atividades de campo, numa proposta de pesquisa-ação, através das quais os educandos, futuros técnicos em agropecuária, irão filmar seus encontros, conversas e suas práticas no desenvolvimento de suas próprias atividades de "assistência técnica", junto às famílias selecionadas ou no acompanhamento de visitas técnicas, sob a responsabilidade de profissionais já formados e com larga experiência na área.

Esclarecemos que apresentamos aqui algumas proposições metodológicas, para serem colocadas em discussão e construção coletiva e criativa, com os integrantes da pesquisa, inclusive as famílias de agricultores. Não temos a pretensão de definir *a priori* todos os procedimentos metodológicos, pois isso comprometeria a essência dialógica, dialética e coletiva que norteia as práticas educomunicativas, entretanto, prevemos procedimentos inspirados na etnografia participativa.

Dentre as atividades prevemos a realização de minicursos voltados à redação de textos inspirados nas narrativas jornalísticas, a fim de preparar os bolsistas para a apresentação dos resultados finais do projeto. Do mesmo modo, vamos realizar oficinas de prática de reportagem, documentário e locução para orientar as abordagens a serem feitas pelos educandos em suas atividades de campo, bem como a produção dos materiais.

Pretendemos que os bolsistas participantes de tais oficinas e minicursos atuem como multiplicadores dessas informações, coordenando eles próprios atividades como essas junto aos grupos de agricultores (as), sempre atentos para a valorização dos saberes das pessoas com as quais irão interagir.

Resultados esperados

Desejamos alcançar um conjunto de resultados imateriais e materiais. No que tange ao caráter simbólico, esperamos contribuir com uma mudança de perspectiva quanto ao papel intervencionista do técnico em agropecuária nas localidades onde atua enquanto "extensionista". Efetivamente buscamos contribuir com o fortalecimento de uma cultura profissional do técnico em agropecuária, que esteja sintonizada com o *Zeitgeist* da contemporaneidade, onde estão cada vez mais diluídas as fronteiras entre produtor/receptor, educador/educando, técnico/agricultor. Dessa maneira, queremos que os dispositivos tecnológicos que tradicionalmente são excluídos do ambiente escolar, por se entender que eles prejudicam o aprendizado, sejam incorporados ao processo de ensino-aprendizagem de uma forma construtiva e criativa, através de métodos desenvolvidos em parceria com os bolsistas, os agricultores e os colaboradores convidados.

Naquilo que se refere à apresentação material dos resultados, pretendemos gerar relatos, apresentados em formato de narrativas audiovisuais e fotográficas, construídas pelos bolsistas, para serem compartilhadas com a comunidade interna e externa, em um evento no qual haverá a exposição fotográfica dos relatos, bem como a apresentação dos vídeos produzidos no decorrer da pesquisa.

Cronograma de trabalho em andamento

MÊS	ATIVIDADES
MAIO	• Seleção de bolsistas; • Definição dos colaboradores a serem convidados; • Definição dos textos para leitura

	do grupo de estudo; • Definição das propriedades a serem acompanhadas pela equipe do projeto;
JUNHO	• Realização da oficina de reportagem (com ênfase na abordagem e diálogo); • Visitas de aproximação às primeiras famílias selecionadas; • Leituras em debates: apresentadas pelos bolsistas e discutidas com os convidados – atividade aberta ao público; • Realização da micro-oficina de registro audiovisual; • Definição de textos para leitura e apresentação.
JULHO	• Exercícios de filmagem • Preparação da apresentação dinâmica do texto lido
AGOSTO	• Visitas técnicas com registros audiovisuais, fotográficos e escritos; • Diálogos com os agricultores propondo a troca de experiência quanto ao uso das linguagens e recursos midiáticos; • Apresentação do texto pelos bolsistas sorteados e debate com convidados.
SETEMBRO	• Análise coletiva dos primeiros conteúdos registrados, edição e postagem no You Tube, com link no site do IFPA. • Visitas técnicas com registros audiovisuais, fotográficos e escritos; • Entrega dos primeiros relatórios escritos e fotográficos.
OUTUBRO	• Troca de experiências – oferta de minicursos aos agricultores, de

	acordo com o que eles desejarem: locução, texto, vídeo, publicação na internet, fotografia; • Registros audiovisuais ao estilo making off;
NOVEMBRO	• Relatos de experiência dos bolsistas e troca de papeis com os agricultores – dessa vez eles entrevistam a equipe de pesquisa e fazem os registros audiovisuais • Apresentação dos materiais em sessão especial para os agricultores em formato de festival • Discussão de resultados com todos os envolvidos.
DEZEMBRO	• Entrega dos relatórios finais.

Referências bibliográficas

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**: leituras operárias. Petrópolis: Vozes, 2007.

COMISSÃO PRÓPRIA DE AVALIAÇÃO DO INSTITUTO FEDERAL DO PARÁ – CAMPUS CASTANHAL. **Relatório Preliminar de Autoavaliação.** Castanhal, PA, 2013, 30p.

ENCONTRO com Milton Santos ou O mundo global visto do lado de cá. Direção: Silvio Tendler. Produção Executiva: Ana Rosa Tendler. Rio de Janeiro: Caliban Produções Cinematográficas, 2006. 1 DVD (89 min), son., color.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2011.

FREITAS, Guaciara. **A relação entre mídia e periferia.** Um estudo sobre o projeto Central da Periferia da TV Globo. 2011. 215f. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas:** uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: 2008; São Paulo: Record, 2008.

SOARES, Ismar de Oliveira Santos. **Educomunicação:** o conceito, o profissional, a aplicação. Contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas, 2011.